

Edição v. 45
número 2 / 2026

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 45 (2)
mai/2026-ago/2026

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

TEMÁTICA LIVRE

Edgar Morin: arquivo, escrita de si e (auto)biografia

Edgar Morin: archive, self-writing, and (auto)biography

GUSTAVO DE CASTRO

Universidade de Brasília (UnB) – Brasília, Distrito Federal, BRA.
E-mail: gustavo.castro@fac.unb.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7126-6947>

PPG|COM Programa de Pós Graduação
COMUNICAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO UFF

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SILVA, Gustavo de Castro. Edgar Morin: arquivo, escrita de si e (auto)biografia. **Contracampo**, Niterói, v. 45, n. 2, p. 01-14, maio/ago. 2026.

Submissão em: 16/02/2026. Revisor A: 21/03/2026; Revisor B: 19/03/2026 | Segunda rodada - Revisor A: 14/04/2026; Revisor B: 28/05/2026. Data do aceite: 05/06/2026.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v45i2.70771>



Resumo

Este artigo apresenta uma pesquisa em andamento que envolve a relação entre a biografia, o arquivo e a escrita de si em Edgar Morin, baseada nos dados presentes em seus diários e memórias mantidos no “*Fonds Edgar Morin*”, do *Institut de Mémoire et d’Édition Contemporaine* (IMEC) em Caen, França. O artigo analisa a escrita autobiográfica de Morin situada nos limites entre memória, ficção e realidade. Utilizamos para isso cinco arquivos: 1) a coleção de notas de trabalho; 2) a coleção científica; 3) a coleção editorial; 4) a coleção acadêmica; e 5) a coleção biográfica. A metodologia utilizada foi a da complexidade que prevê a indissociabilidade entre imaginário e realidade, vida imaginada e vida vivida, e combina a pesquisa bibliográfica com a prospecção documental. Conclui-se que a história intelectual de Morin revela a inseparabilidade entre as produções teóricas, ensaísticas e memorialísticas.

Palavras-chaves

Edgar Morin; memória; arquivo; escrita de si; ficção.

Abstract

This article presents ongoing research exploring the relationship between biography, archives, and self-writing in the work of Edgar Morin, based on data from his diaries and memoirs held at the “*Fonds Edgar Morin*” of the *Institut de Mémoire et d’Édition Contemporaine* (IMEC) in Caen, France. The article analyzes Morin’s autobiographical writing situated at the boundaries between memory, fiction, and reality. To this end, we utilize five archives: 1) the collection of working notes; 2) the scientific collection; 3) the editorial collection; 4) the academic collection; and 5) the biographical collection. The methodology employed was that of complexity, which considers the inseparability of the imaginary and reality, or of imagined life and lived life, and combined bibliographic research with documentary prospecting at IMEC. The conclusion is that Morin’s intellectual history reveals the inseparability of his theoretical, essayistic, and memoiristic productions.

Keywords

Queer cinema; Narrative; Non-place; Displacement; Homosexuality.

Introdução

A escrita de si em Edgar Morin (1921 - 2026) configura-se como um exercício de reflexão autobiográfica inseparável de seu pensamento teórico, ensaístico e ficcional. Seu único romance publicado *O Ano Perdeu a Sua Primavera* (2024), é um espelho próximo de sua vida até os dezoito anos. O personagem principal, Albert Mercier, como o autor do livro, perdeu a mãe aos nove anos, tem um pai superprotetor, com isso o menino refugia-se na literatura e no cinema, entrando para a resistência francesa na época da Segunda Guerra, justamente aos dezoito anos.

Em suas memórias, por sua vez, diferente de adotar o estilo de uma autobiografia convencional, linear, centrada em fatos pessoais, Morin escreve sobre si articulando ideias, pensamentos, histórias e contexto social, mostrando que a identidade individual é sempre atravessada pelo coletivo, pelo político e pelo cultural. Em suas obras memorialísticas, o autor utiliza a narrativa pessoal como forma de compreender a própria formação intelectual e afetiva, revelando que o sujeito é resultado de múltiplas interações e experiências. Assim, a escrita de si torna-se também um método de conhecimento e de autoconhecimento ao narrar a própria trajetória.

Ao investigar os processos que constituem o humano, Morin sempre fez questão de insistir na evidência da inseparabilidade entre vida e produção de pensamento. Para ele, a escrita autobiográfica não busca apenas recordar o passado, mas pensar a existência, integrando emoção, razão, história e experiência pessoal em uma mesma reflexão. É significativo e relevante o número de livros que Morin dedicou a este compósito entre ideias, autoconhecimento, história e contexto político. Desde o primeiro (*L'an zéro de l'Allemagne*, 1946), passando por *Autocritique* (1959), as biografias de seu pai (*Vidal et les siens*, 1989), da esposa falecida (*Edwige, l'inséparable*, 2009), os diários, repletos de preocupações políticas e sociais, enfim, toda esta produção inspira a necessidade de uma pesquisa focada no campo biográfico do filósofo francês. Por sua vez, ela não pode desconsiderar a dimensão da escrita de si. A proposta central deste artigo, portanto, é a de pensar a escrita de si em Edgar Morin confrontada aos seus arquivos pessoais.

Em 2024, iniciamos uma pesquisa com visitas regulares ao "*Fonds Edgar Morin*", depositado no *Institut de Mémoire et d'Édition Contemporaine* (IMEC)¹, em Caen. O acervo começou a ser constituído em 2001 mediante transferência dos arquivos do filósofo para o IMEC, uma das instituições de conservação mais renomadas da Europa, localizado numa antiga abadia da Ardenne. Nesta fase, subdividimos o trabalho em cinco etapas que consistiram em analisar os acervos: 1) notas de trabalho; 2) fundo científico; 3) fundo editorial; 4) fundo acadêmico; e 5) fundo biográfico. Essa fase da pesquisa foi financiada pelo Edital CNPq-16/2024 – Projeto de Cooperação Internacional, e contou com a supervisão de François Dosse (IHTP/Sorbonne) e Patrick Garcia (Cergy Paris Université).

A segunda fase foi desenvolvida entre 2025 e 2026, e consistiu na leitura, fichamento e análise de agendas, diários e cadernos presentes no arquivo. Nessa fase, nosso corpus de análise estava composto de uma bibliografia² formada por dezenove livros enquadrados dentro dos gêneros memória, diário e/ou (auto)biografias intelectuais. Com base em tal recorte, partimos para a terceira etapa. Nela, fizemos levantamento, leitura e análise de grande conjunto de entrevistas, perfis jornalísticos e biografias escritas

1 O IMEC abriga mais de setecentos fundos de intelectuais e artistas, entre eles: Eric Satie, Franz Fanon, Louis Althusser, Roland Barthes, Michel Foucault, Félix Guattari, Alain Jouffroy, Samuel Beckett, Marguerite Duras, Jean Genet, Jean Duvignaud, Jean Paulhan, Louis-Ferdinand Céline, Collette, Catherine Clement, Georges Didi-Huberman, Françoise D'Eaubonne, Jean-Pierre Vernant, Alain Touraine, Cornelius Castoriadis, Alain Badiou, Alain Robbe-Grillet, Jacques Derrida, entre outros.

2 1) Vidal et les siens, 1989; 2) Edwige, l'inséparable, 2009; 3) L'an zero de l'Allemagne, 1946; 4) Auto-critique, 1959; 5) Le vif du sujet, 1969; 6) Mes Démons, 1994; 7) Ma Gauche, 2010; 8) Mes Philosophes, 2011; 9) Mon chemin, 2008; 10) Mes Berlin (2013); 11) Leçons dun siècle de vie, 2021; [autobiografia]: 12) Les souvenirs viennent à ma reencontre; 2019; [diários]: 13) Journal de Californie, 1970; 14) Journal de Chine; 2007; 15) Journal de Plozévet, 2001; 16) Une année Sysiphe, 1995; 17) Pleurer, Aimer, Rire, Comprendre, 1996; 18) Journal (1962-1987), 2012; 19) Journal (1992-2010), 2012; 20) Journal d'un livre, 1981.

sobre o filósofo desde os anos 1990³. Esta leitura permitiu coligar os principais eventos públicos, privados, profissionais e artísticos do filósofo, mas também perceber suas obsessões, ou seja, entender as ideias recorrentes, aquelas as quais ele permaneceu fiel, apesar do tempo. Esses livros nos ajudaram a traçar um primeiro recorte: estava claro para nós que o perfil intelectual de Morin não podia ser dissociado da noção de uma escrita de si.

Em 2024-25, entendemos que estas etapas deviam ser concomitantes e associadas, não separadas, de modo que, apesar de distintas em seus objetivos, atuavam de modo intercambiante e colaborativo no processo da pesquisa. Em todo caso, no início, essas etapas foram pensadas a partir da metodologia da complexidade, em que visamos construir uma linha do tempo detalhada e compreensiva, adotar os procedimentos sugeridos pelo autor estudado, para quem a metodologia não era uma receita ou um programa fechado, mas um campo de aprendizagem pela atenção, campo de religação e de comunicação de diversas astúcias, caminhos, recursos, materiais, instrumentos, aprendizagens, enfim, de processos que, combinados entre si, formatavam o percurso e produziram o resultado final da investigação.

O que vamos apresentar neste artigo, contudo, é apenas um pequeno recorte deste trabalho iniciado em 2024 e que prossegue em 2026 no IMEC. Nosso foco específico é a relação entre memória, escrita de si e ficção, por um lado, visando mostrar como a escrita de seu único romance é um espelho de sua escrita autobiográfica. Por outro lado, vamos mostrar os problemas que tal pesquisa enfrenta, apresentar o personagem estudado e sua concepção de escrita de si. Na primeira parte do artigo, vamos apresentar o autor e fazer um panorama geral do arquivo IMEC; na segunda, vamos analisar as caixas 21, 22 e 23 do arquivo (respectivamente, 187/MOR/21, 187/MOR/22 e 187/MOR/23), que contém o manuscrito do romance *O Ano Perdeu sua Primavera*, escrito em 1946 e mantido inédito até 2024; na terceira, faremos uma reflexão sobre a pesquisa biográfica em arquivos, destacando as principais dificuldades enfrentadas no trabalho em andamento; na quarta parte, vamos tentar relacionar as ideias da noção de escrita de si em Morin a partir da abordagem autobiográfica. Por fim, concluímos com apontamentos sobre a relação entre autobiografia, memória, ficção e arquivo.

Edgar Morin e o arquivo IMEC

Edgar Nahoum nasceu em Paris em 1921, filho único de Vidal Nahoum, comerciante judeu sefardita. A morte precoce de sua mãe, em 1931, marcou sua sensibilidade, imprimindo um traço que reapareceria de forma insistente em suas reflexões sobre a morte, a perda e a condição humana. Sua adolescência foi marcada por intensa leitura literária, filosófica e política, uma formação autodidata que se tornaria a base de seu pensamento plural e transdisciplinar.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o filósofo se engajou na Resistência francesa, enfrentando diretamente a violência da ocupação nazista. Foi nesse contexto que adotou o pseudônimo “Morin”, que se tornaria definitivo, e experimentou a clandestinidade, a escassez de comida, o colapso das certezas ideológicas e a fragilidade das instituições. A experiência direta da guerra e da opressão alimentou desde cedo uma desconfiança profunda em relação aos dogmatismos, lançando os germes de sua futura crítica ao pensamento simplificador e às ideologias fechadas.

Entre 1945 e 1951, Morin praticou sua militância comunista, atuou como jornalista e intelectual engajado e realizou seus primeiros estudos sociológicos. Aos poucos, ocorreu um progressivo distanciamento do dogmatismo partidário, culminando em sua expulsão do PCF em 1951. Em paralelo, suas primeiras obras, como *L'An zéro de l'Allemagne* (1946), testemunham uma preocupação precoce com a combinação entre observação empírica e reflexão crítica sobre a experiência vivida. Desempregado,

3 Notadamente as escritas por Françoise Bianchi, Emanuel Lemieux, Laure Adler, Marc de Smedt, Francis Lacomte, Djénane Kareh Tager, Robin Fortin, Myron Kofman, Marie-Christine Navarro, Nicolas Truong, Cristina Pasquilini.

graças ao relativo sucesso que este livro fez, foi convidado pela Editora Correa a apresentar um projeto de escritura no campo da história, assim nasceu livro *O Homem e a morte* (1951), hoje considerado uma das obras pioneiras no campo da tanatologia.

Esta obra o credenciou a ser contratado como pesquisador pelo *Centre National de Recherche Scientifique* (CNRS), sob a tutela de Georges Friedman. No CNRS começou a estudar o cinema e o imaginário, produzindo assim *Le cinéma ou l'homme imaginaire* (1956) e *Les Stars* (1957). Essas obras inauguram seu interesse pelo diálogo entre técnica, mito, imaginário e subjetividade, e a recusa das fronteiras rígidas entre ciência, arte e experiência. No período entre 1956 e 1962, fundou e animou a revista *Arguments*, espaço de pensamento crítico e interdisciplinar, que se tornaria referência para os estudos sobre cultura de massas. Foi nesse contexto que publicou *L'Esprit du temps* (1962), que consolidaria sua análise da cultura produzida para o grande público, a indústria cultural e o papel das celebridades.

Entre 1963 e 1969, Morin atravessou um período de crise pessoal e intelectual, questionando certezas científicas e políticas. Obras como *Introduction à une politique de l'homme* (1965), *Mai 68 – La Brèche* (1968), *Le Vif du sujet* (1969) e *Journal de Californie* (1970), refletem o seu contato com a política, a contracultura, a cibernética, consolidando a centralidade do sujeito e a reflexão sobre o próprio processo de pensamento como atividade reflexiva e autocrítica. A década de 1970 representa a ruptura epistemológica que marca o nascimento do pensamento complexo. Morin aproxima-se da biologia e da teoria dos sistemas, propondo em *Le Paradigme perdu: la nature humaine* (1973) uma crítica à separação entre natureza e cultura e a construção de uma antropologia complexa. Trabalhando em relativo isolamento no campo acadêmico, ele desenvolveu um projeto de longa duração que combinou rigor científico, filosofia e reflexão ética, inaugurando o que se tornaria sua obra central, *La Methode* em seis volumes.

Entre 1977 e 2004, portanto, Morin desenvolve o monumental projeto *La Méthode*, composto de volumes que abrangem desde a natureza do conhecimento até a ética da humanidade: *La Nature de la nature* (1977), *La Vie de la vie* (1980), *La Connaissance de la connaissance* (1986), *Les Idées* (1991), *L'Humanité de l'humanité* (2001) e *Éthique* (2004). Estes volumes expressam um pensamento recursivo, transdisciplinar e não linear, integrando ciência, filosofia, ética e política, e consolidam a biografia intelectual do filósofo, que exploraria em *Mes démons* (1994), seus conflitos internos, paixões e contradições. Entre 2000 e 2010, ele concentra-se na educação, na política da humanidade e na memória. Publicações como *Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur* (1999) e *La Voie* (2011), enfatizam a necessidade de educação para a cidadania planetária. Entre 2010 e 2020, publica obras memorialísticas, especialmente *Les souvenirs viennent à ma rencontre* (2019), caracterizadas por uma escrita reflexiva e retrospectiva que integra juventude, maturidade e velhice, reafirmando a inseparabilidade entre vida e obra teórica, e consolidando o pensamento complexo como ética da lucidez e da esperança.

O fundo Edgar Morin no IMEC revela como o filósofo dilui os limites entre complexidade e autobiografia (Silva, 2023). Entre os mais de 125 livros publicados por ele até 2025, aproximadamente dez por cento pertencem aos gêneros memórias e autobiografias. Estes textos demonstram o seu esforço em articular reflexões filosóficas, científicas e metodológicas a uma escrita de si, ou seja, a partir de experiências de vida concretas.

Experiências existenciais precoces, engajamento político, práticas jornalísticas, pesquisa sociológica e interdisciplinaridade formam um percurso em que a autobiografia, os diários, os ensaios e os manuscritos não apenas registram acontecimentos, mas constituem um corpo teórico articulado com a experiência. Seu pensamento complexo emerge da tensão entre vida e investigação científica, ética e filosófica, articulando reflexão crítica, memória, educação e responsabilidade social, consolidando-se como uma obra de longa duração, aberta, dinâmica e inseparável da trajetória que a fundamenta.

Assim, seus arquivos no IMEC acolhem e preservam os rastros desta trajetória. São 183 caixas com vários dossiês, que revelam uma organização coerente entre dois polos fundamentais da produção

intelectual, um polo que compreende a gênese das obras, composta por notas de trabalho, rascunhos sucessivos, manuscritos em papel e em suportes digitais (como disquetes), bem como vastos dossiês documentais; e um polo que compreende a recepção e reúne recortes de imprensa, correspondência recebida, convites, debates e reações públicas suscitadas por cada publicação. O arquivo não apenas conserva textos, mas documenta a circulação social das ideias, permitindo uma abordagem propriamente histórico-intelectual da obra.

O fundo, constituído em 2001, inclui manuscritos, rascunhos, cadernos, fotografias, documentos audiovisuais, arquivos digitais, correspondência pessoal e profissional, registros de conferências, relatórios de pesquisa, artigos, publicações, contratos e materiais inéditos, permitindo compreender tanto a materialidade de sua produção intelectual quanto os contextos de criação de suas ideias. O arquivo científico reúne fichas, notas de trabalho, separatas, textos de comunicações, recortes de imprensa, programas de cursos e conferências.

O arquivo editorial preserva registros da revista *Arguments* (1956-1962), boletins, declarações editoriais, textos preparatórios e roteiros de projetos cinematográficos, como *Chronique d'un été* (1961), realizado em parceria com Jean Rouch. No arquivo acadêmico estão relatórios de atividades no CNRS, projetos de pesquisa, a documentação relativa aos centros de estudos transdisciplinares entre 1959 e 2008.

Entre todos os elementos biográficos, a correspondência ocupa um lugar central, representando quase metade do acervo. Ela constitui um vasto tecido de diálogos amistosos, intelectuais e científicos com filósofos, sociólogos, antropólogos, economistas, cientistas e artistas. O fundo conserva ainda numerosos materiais autobiográficos: arquivos escolares do Lycée Rollin (1928-1939), documentos relativos à Resistência (1941-1944), papéis de sua atuação como oficial de propaganda na Alemanha ocupada (1945-1946), rascunhos ligados à obra memorialística e ecos de seu romance autobiográfico – inédito até 2024 – *L'Année a perdu son printemps*. A seguir, tal romance nos ajudará a entender como a escrita ficcional se relaciona àquela autobiográfica.

O documento “O Ano Perdeu A Sua Primavera”

No ano que permanecemos no IMEC procedendo a uma análise deste material bibliográfico, tentamos entender como o filósofo fazia para articular as suas áreas de atuação a escrita memorialística, ou seja, como articulava filosofia, sociologia, antropologia, comunicação, educação, psicologia, literatura e ciências sociais à elaboração e constituição de uma percepção de si. Dito de outra forma, como articulava conhecimento e autoconhecimento. Isso nos permitiu compreender como sua experiência autobiográfica e os contextos intelectuais e históricos moldaram o desenvolvimento de suas ideias e de sua personalidade.

Esta articulação fica mais explícita quando analisamos os documentos 187/MOR/21, 187/MOR/22 e 187/MOR/23, que contém o manuscrito do romance *O Ano Perdeu a sua Primavera*. Publicado pelas Éditions Danoël em 2024, o livro ganhou uma edição em português pela Edições Piaget, de Portugal, no mesmo ano, na coleção “Romance e Memória”, com tradução de Filipe C. Santos. As caixas 21, 22 e 23 acomodam nove pastas de notas manuscritas e datiloscritas em papéis timbrados de Fédération Nationale des Deportés. O timbre muda depois para Fédération Nationale des Deportés et Internes Résistante et Patriotes (FNDIRP), onde Morin consegue um emprego de jornalista aos 25 anos, para redigir o boletim *Le Patriote Résistant*.

Pelo visto, ele dispunha ali de muitas horas vagas porque se dedicou à escrita de um romance em plena redação do jornal. Podemos acompanhar seu processo. Primeiro ele fazia um esquema de ideias para cada capítulo, em seguida os escrevia a mão, corrigindo e anotando à margem das páginas. Em um terceiro momento, reescrevia os capítulos, de modo que encontramos duas ou três versões dos capítulos reescritos. Algumas folhas estão também com os timbres do *Mouvement National des Prisonniers de*

Guerre et Déportés (MNPGD), que foi o principal movimento de resistência francesa durante a ocupação alemã (1940-44), liderado pelo sobrinho do General De Gaulle, Michel Cailliau, ao qual Morin pertenceu. Os timbres dos órgãos aos quais ele estava ligado logo após o fim da guerra, ajudam a mapear o percurso de sua escrita. Algumas folhas aparecem com o timbre do “Erich Rauch Baden-Baden – Vertreter Nebestehender Firmen”, localizada na Fremersbergstrasse, 66. Como se sabe, ainda em 1946, Morin alista-se no I Exército e vai trabalhar no Serviço de Propaganda em Lindau e em Baden-Baden, na parte da Alemanha administrada pela França após o fim da guerra. Pelo timbre do papel, é provável que ele tenha prosseguido a escrita do romance ali, que foi certamente interrompido, quando ele tem a ideia de escrever *L’an zero de l’Allemagne*, que seria publicado em 1946.

Lendo o material datiloscrito em 1946 do romance e comparando com a edição publicada em 2024, ou seja, 78 anos após sua redação, vemos que o enredo principal de L’année a perdu son printemps foi mantido. Trata-se, como dissemos, de um romance de inspiração autobiográfica, em que o protagonista Albert Mercier, descrito como um jovem que leva uma vida melancólica e solitária, devido à perda da mãe aos nove anos, experimenta a dor, o silêncio e o abandono. Mercier é um alter ego ficcional do autor, especialmente em aspectos ligados à perda, ao despertar político e à formação intelectual. O pai de Albert, para protegê-lo, esconde-lhe a morte da mãe, o que de fato ocorreu na vida do jovem Morin. Este fato aprofunda ainda mais sua solidão e seu enquadramento emocional. Não somente não o deixam ir ao enterro, como inventam histórias sobre o desaparecimento da mãe. Ele acha odiosa as mentiras dos adultos. Contam-lhe que ela foi fazer uma viagem e talvez volte.

Como na vida real, o livro retrata um jovem que chora escondido, no banheiro ou debaixo das cobertas e mergulha numa introspecção sem fim, refugiando-se a partir de então na literatura e no cinema. Sua adolescência é descrita como um período solitário e angustiado, uma vez que Mercier acreditava ter sido o responsável pela morte da mãe, devido a algum desgosto que tivesse lhe proporcionado. O refúgio em livros e filmes, faz com que o menino encontre um conforto provisório. Na escola, as amizades são difíceis e raras, ali vai se sentir um estranho, não por ser judeu, mas por ser o único órfão da sala.

A entrada do jovem Mercier na faculdade de Filosofia da Sorbonne, coincide com o início das hostilidades da Alemanha contra a Polônia, a declaração de Guerra, a invasão da França, e a entrada dele para a resistência. O romance termina justamente nesta parte, quando Albert acaba por se envolver ativamente na Resistência francesa, com sua jornada política amadurecendo até assumir a luta contra a ocupação, um marco que espelha a própria trajetória de Morin. Entendemos que, em 1946, a escrita do livro pode ser lida como um romance de formação, que mistura ficção e autobiografia, onde o leitor acompanha a progressão psicológica, emocional e intelectual de um jovem que envelhece em um dos períodos mais críticos da história europeia do século XX.

Na adolescência, Morin não se via como sociólogo, mas como escritor. O fato de ter experimentado a poesia, não pode ser desconsiderado. Se não prosseguiu escrevendo poemas, a percepção da dimensão poética da vida marcará suas ideias na maturidade de maneira decisiva. Em muitos casos, a escrita ficcional é a porta de entrada da abertura existencial, sensível, estética e humana dos criadores. A passagem da literatura e da poesia para a escrita sociológica e filosófica não será para ele radical ao ponto de ele posteriormente renegar a metáfora em favor do conceito. Ao contrário, em seu diário *Um Ano Sísifo* (1995, p. 239), escreve: “Uma ideia não tem mais valor do que uma metáfora; em geral, ela vale menos”.

Este documento, sem dúvida, nos inquietou pela proximidade entre a vida vivida e a imaginada, pela ideia de uma escrita de si que fazem dialogar a realidade e a imaginação. Neste sentido, queremos aprofundar um pouco a dimensão autobiográfica da ficção, por um lado, e, por outro lado a dimensão ficcional da autobiografia.

O problema da pesquisa (auto)biográfica

Anna Caballé (1987) denominou de “Literatura do mim” ao se referir de maneira empírica a essa parcela literária em cujo interior se podem caracterizar numerosas orientações particulares: diários íntimos, autobiografias, memórias, epistolários etc. Segundo ela, o criador literário, seja qual for a forma eleita para se comunicar, manifesta sempre aspectos e fragmentos, mais ou menos extensos, de seu eu. Toda literatura é, nesse sentido, literatura do eu. Para ela, nossa vida é uma imemorable fonte de escritura, mas é preciso fazer uma distinção entre a “potência autobiográfica” e o “ato de autobiografia”: entre ambos se configura a expressão do eu. E, assim, podemos afirmar que qualquer ser humano vive com esse potencial autobiográfico, e que isto lhe define de diversos modos, tanto na ficção quanto nas obras teóricas. Ainda segundo Caballé, o ser humano pratica constantemente o exercício da autorreferência: fala de si mesmo nas cartas e nas conversas; fala de si, desde o início, com os amores que cruzam seu caminho ou quando uma dor lhe aperta.

No livro *L'autobiographie hors autobiographie* (2008), Brigitte Diaz propõe uma redefinição ainda mais ampla do que se entende por escrita autobiográfica. Para a autora, a autobiografia não deve ser limitada ao modelo tradicional herdado de Jean-Jacques Rousseau, um relato retrospectivo, contínuo e centrado na narrativa de vida. Ela argumenta que o “autobiográfico” pode aparecer fora da autobiografia formal, em que múltiplas formas de escrita contêm traços de autorrepresentação, e em que o eu se constrói de modo fragmentário, indireto e disperso. Diaz analisa gêneros que não são autobiografias canônicas, mas que funcionam como lugares de inscrição do sujeito, como diários íntimos, correspondências, memórias e textos ensaísticos ou literários, mostrando que a identidade não é narrada apenas por uma história linear, mas por vestígios textuais. A expressão “hors autobiographie” indica que o autobiográfico é uma dimensão transversal da escrita, que o sujeito moderno se manifesta por descontinuidades e deslocamentos, e que a escrita de si participa de uma reflexão maior sobre memória, identidade e linguagem. Assim, Brigitte Diaz descreve a autobiografia como um fenômeno expandido, fragmentário e híbrido, que ultrapassa os limites formais do gênero e revela novas maneiras de o sujeito moderno se representar na escrita.

Uma das dificuldades encontradas na análise de *O Ano Perdeu sua Primavera*, de Morin, foi justamente demarcar os limites entre ficção e não-ficção, justamente por essa obra manifestar descontinuidades e deslocamentos entre criação, imaginação, sonho e relatos verídicos. Em uma entrevista que realizamos com o autor em 2026, uma das perguntas era justamente sobre a dimensão autobiográfica em *L'Anne a perdu son printemps*. Perguntamos se poderíamos considerar o episódio em que o personagem Albert Mercier perdia a virgindade com Clotilde Devries, em Toulouse, como “pura ficção ou como um episódio baseado em fatos reais”. Morin respondeu simplesmente: “Em grande parte ficção”. A resposta deixa entrever que uma outra parte do episódio pode ser considerado de não-ficção.

Tais deslocamentos entre ficção e não ficção nos leva ao conceito de “pacto autobiográfico”, de Lejeune (1975) que está diretamente relacionado à ideia de escrita de si. Segundo Lejeune, a autobiografia pressupõe um acordo implícito entre autor e leitor: o autor promete contar a própria vida com veracidade, e o leitor acredita que está lendo a história do próprio sujeito. Esse pacto cria um espaço ético e literário para a escrita de si. Para ele, escrever sobre si mesmo não é apenas relatar fatos; é um processo de autoconstituição, no qual o sujeito organiza memórias e experiências (de maneira literária) para formar um sentido de identidade. Lejeune (1975) destaca que diários, cadernos e cartas podem ser formas de escrita de si, mesmo que não se destinem à publicação, pois revelam o trabalho do sujeito sobre si mesmo. Ele vê a escrita de si como uma prática literária que conecta memória, identidade e veracidade, estabelecendo uma relação profunda entre autor, texto e leitor.

Vemos que a pesquisa (auto)biográfica, enquanto empreendimento acadêmico e epistemológico, atravessa uma série de dificuldades intrínsecas que vão muito além da simples coleta documental. Estas dificuldades evidenciam que o objeto (auto)biográfico é não só marginal – dentro dos próprios

estudos biográficos, como atesta Édouard Louis (2025) –, como coloca desafios específicos tanto no plano metodológico quanto no acesso e compreensão dos arquivos que sustentam a escrita da vida. A complexidade dos arquivos (auto)biográficos implica reconhecer que esses fundos não são coleções neutras de documentos, mas artefatos culturais que emergem de processos históricos, políticos e institucionais específicos. Um arquivo não é apenas o lugar onde repousam cartas, diários, registros e fotografias; ele é resultado de escolhas, do que foi preservado, descartado, organizado ou deixado em estado bruto, sobretudo, o resultado de uma invenção de si. Essa dimensão normativa do arquivo torna evidente que a pesquisa (auto)biográfica não lida com um espelho da vida, mas com uma construção histórica que deve ser interpretada criticamente.

Uma das dificuldades que encontramos no “*Fonds Edgar Morin*” foi a tensão entre a estrutura técnica dos arquivos e a estrutura (auto)biográfica. Ao buscar significado em correspondências, notas e memórias, encontramos documentos enredados em lógicas institucionais que muitas vezes escapam a uma leitura imediata. Diferentemente de documentos estatísticos ou administrativos, os registros pessoais não obedecem a uma estrutura de catalogação linear ou facilmente recuperável. Eles exigem uma decodificação da lógica interna: compreender por que certos materiais foram agrupados, como os rótulos ou metadados foram construídos, qual a história institucional por trás da organização das séries documentais e, por fim, qual a história que o sujeito está tentando contar de si mesmo com a reunião daqueles papéis. Essa busca pela decifração do outro mediante seus papéis constitui um trabalho de pesquisa por si só.

A própria acessibilidade física e técnica dos arquivos pessoais representa um obstáculo significativo. Tivemos de nos deslocar do Brasil até Caen para realizar tal análise, passamos horas tentando decifrar a letra do autor estudado, muitos arquivos (como as gravações em Fitas K-7) ainda não foram integralmente processadas, organizados ou digitalizados, o que elevou o custo temporal e cognitivo da pesquisa. A lacuna entre o volume bruto de documentos e a sua descrição arquivística formal significa que o pesquisador frequentemente se deparava com registros dispersos, mal indexados ou inacessíveis por falta de estratégias de arranjo e catalogação adequadas. Além disso, a pesquisa (auto)biográfica exige uma leitura hermenêutica atenta às dimensões narrativas dos documentos, ou seja, não basta encontrar a carta ou o relato, é preciso compreender seu sentido dentro da trama de vida do biografado. A narrativa biográfica é uma construção social e discursiva que envolve escolhas de interpretação e mediação entre documentos, contexto histórico e significados subjetivos atribuídos pelos sujeitos que produziram e receberam esses documentos. Isso implica que a compreensão de arquivos não é uma operação linear ou objetivo-técnica, mas um ato de interpretação que envolve escolhas epistemológicas claras e argumentadas.

O “*Fonds Edgar Morin*” nos colocou um dilema objetivo: devíamos compreender seu arquivo como narrativa de si ou como uma interpretação histórica? Uma vez que os documentos eram fragmentários, muitas vezes lacunares e ambíguos, nos sentimos muitas vezes na obrigação de decidir até que ponto eles podiam ou deviam preencher lacunas por meio de inferências interpretativas. Essa tensão entre evidência e hipótese explicativa não era exclusiva da história, mas se intensificava em biografias que, ao mesmo tempo em que buscam reconstruir trajetórias pessoais, se propõem a dialogar com contextos sociais e culturais mais amplos, como era o nosso caso.

A própria dimensão relacional da pesquisa (auto)biográfica representa uma dificuldade adicional. A obra (auto)biografia não é apenas uma reconstrução de eventos, mas um ato de comunicação, um diálogo entre narrativas, contextos e leitores. O pesquisador não se limita a consultar documentos, mas a produzir sentido a partir da interação entre fontes e repertórios teóricos, numa operação que exige reflexividade narrativa e epistemológica constante. Até que ponto a dúvida do biógrafo acerca dos dados fornecidos pela autobiografia deve ser exposto, criticado ou ocultado do leitor, sem que isso implique prejuízo para a narração?

Todos esses problemas nos ajudam a meditar sobre o trabalho que desenvolvemos no IMEC, uma

vez que apoiamos a nossa pesquisa sobre uma produção autobiográfica. Dito de outro modo, até que ponto o que o autor diz sobre se mesmo é confiável e deve ser usado como dado verídico? Sobretudo na autobiografia essa desconfiança é bem-vinda. Entendemos que, principalmente nestes casos, a checagem dos dados fornecidos é fundamental. Da mesma forma, acreditamos ser ilusório ter a certeza plena da veracidade dos dados fornecidos. Disto decorre a própria ausência de credibilidade no gênero e, por consequência, sua marginalidade.

Quando não temos como verificar todos os dados em uma autobiografia, é recomendável não confiarmos nela de maneira absoluta. Dosse (2022) recomenda construir graus de credibilidade mediante critérios de análise, como a corroboração externa, em que alguns elementos do relato podem ser comparados com documentos, registros oficiais, fotografias ou testemunhos de outras pessoas. Quando essas partes verificáveis coincidem com a narrativa, a confiança no restante do material tende a aumentar. Outro aspecto importante é a coerência interna do texto. Observa-se se há lógica temporal, ausência de contradições graves e motivações plausíveis para as ações descritas. Por fim, autobiografias possuem valor que vão além da exatidão factual, pois revelam como o autor se percebe, como atribui sentido à própria vida e qual é o clima cultural e emocional da época. Assim, a confiança nesse tipo de narrativa é sempre crítica, parcial e provisória, construída pela verificação possível, pela análise cuidadosa e pela comparação com outras fontes, nunca por aceitação cega.

A Escrita de si em Edgar Morin

Tendo em vista esses problemas, vamos observar como podemos pensa-los à luz da pesquisa em andamento. Primeiro devemos dizer que a escrita de si em Edgar Morin é uma “escrita compósita” (Madelénat, 2025, p, 64), pois reúne dados históricos, sociais, sonhos, metáforas, brincadeiras, pontos de vista, mergulhos na interioridade, intrigas secundárias, elementos de filosofia, de jornalismo e de sociologia. E como toda escrita compósita, o autor ficar menos submisso ao pudor e à risca dos documentos, outorga-se liberdades, faz coreografia da sua existência, performa, encurta, se detém, manipula o ritmo. Sua experiência empírica e intuitiva se projeta literariamente no desenvolvimento dramático. Neste sentido, a primeira constatação é que a escrita (auto)biográfica de Morin pratica uma coreografia que não só performa uma persona, como justifica sua existência por meio dela, ao exercer um papel subjetivo e objetivo considerável em sua vida. Vemos isso neste trecho abaixo, do diário de 1996, *Chorar, rir, amar, compreender*, quando, estando há seis meses sem um projeto de livro, ele admite o papel e a importância da escrita em sua vida:

Bom. Resta agora encontrar energia. Porque já não escrevo mais, senão um pouco nesse diário, ou seja, há seis meses mais ou menos eu não tenho vontade de escrever; tenho vontade de não fazer nada; e, mais ainda, de ler para meu prazer, de ir ao cinema, aos museus... Mas sei que, privado da droga da escrita, eu não seria invadido permanentemente por esse vazio que me vem de tempos em tempos, ficaria deprimido. (Morin, 2012, p. 221)

O trecho do diário revela, de forma íntima, uma tensão entre esgotamento criativo e necessidade existencial. A afirmação de que “já não escrevo mais” indica uma espécie de bloqueio ou perda de impulso produtivo, sugerindo não apenas cansaço circunstancial, mas um estado prolongado de desânimo. Ao mesmo tempo, o desejo de “não fazer nada”, ler por prazer, ir ao cinema e aos museus aponta para uma busca de recolhimento sensível e fruição estética, como se o autor tentasse recuperar energia fora da atividade intelectual sistemática.

A passagem decisiva está na metáfora da escrita como “droga”. A “droga da escrita” o livra do vazio e atenua a depressão. Ao passo que sugere dependência, mas não em sentido banal, a escrita aparece como aquilo que o impede de ser tomado pelo “vazio” e pela depressão. Há, portanto, uma ambivalência

profunda. Por um lado, escrever exige uma energia que ele sente não possuir; por outro, a ausência da escrita agrava justamente o mal-estar que o paralisa. O texto expõe um circuito paradoxal entre criação e sofrimento, fardo e remédio, esforço e condição de equilíbrio psíquico.

Do ponto de vista existencial, o trecho pode ser lido como expressão de uma consciência que percebe o sentido da vida ligado ao ato de produzir pensamento. Quando essa produção vacila, emerge o sentimento de vazio, não apenas psicológico, mas também ontológico, ligado à perda de finalidade. O diário de 1995 não registra só um estado emocional passageiro; ele revela a compreensão de que a identidade do filósofo está intrinsecamente vinculada ao gesto de escrever. Para nós, é o tom confessional, simples e direto o que reforça a autenticidade do testemunho. Não há elaboração teórica, mas sim a exposição de uma fragilidade. Essa simplicidade aproxima o leitor da experiência humana universal de bloqueio, cansaço e busca de sentido, transformando uma anotação pessoal em reflexão sobre a condição de criar e existir.

A grande quantidade de obras produzidas pelo autor ao longo de sua vida, mais de 120 livros, nos mais variados gêneros, fora artigos para jornais, conferências, textos de prefácio, cartas, entre outros, mostra um filósofo extremamente ligado à escrita, que colocou a prática do texto no centro de sua vida intelectual e existencial. Para o psicanalista Heinz Weinmann, a alta produção textual de Morin pode estar relacionada a perda da mãe aos nove anos. No texto “Pleine Lune et Visageite” (1994), Weinmann entende que a carência de afeto materno, pode ter produzido nele o desejo de ser amado pela escrita.

Sem dúvida, o argumento de Weinmann pode ser pensado nesta direção, no entanto, gostaríamos de propor outra interpretação. Nos escritos autobiográficos de Morin, particularmente em *Meus Demônios* (1997), o ato de escrever assume o estatuto de uma prática voltada ao autoexame, à autocrítica e à autovigilância. A própria noção de auto-ética formulada pelo autor ali nasce, segundo suas palavras, de “três exigências: a preocupação autocrítica na ética-para-si; a consciência da complexidade e dos desvios humanos e uma moral da compreensão” (Morin, 1997, p. 79). Tal formulação já indica que a escrita de si não pode ser compreendida como simples memória narrativa, mas como um dispositivo reflexivo destinado a confrontar o sujeito com suas próprias ilusões, limites e responsabilidades.

Essa ética-para-si se funda inicialmente em recusas decisivas. Morin afirma neste livro “não participar da mentira” e declara que não iria mais subordinar sua moral a um movimento histórico, referindo-se à experiência no comunismo stalinista entre 1943-51, experiência que conduz à constituição de “uma ética sem fundamento: uma auto-ética” (Morin, 1997, p. 76). A escrita torna-se, nesse quadro, o espaço de independência moral que pode ser continuamente verificado. Ao rejeitar listas negras, condenações ideológicas e filosofias totalizantes (Morin, 1997, p. 74-76), ele desloca o centro da normatividade para o interior do sujeito reflexivo. Escrever significa então submeter-se a um exame constante que substitui sistemas externos de legitimação por uma vigilância íntima.

O núcleo dessa vigilância está na relação com o próprio egocentrismo. A questão central da ética-para-si é a “relação com nosso próprio egocentrismo”, exigindo consciência das zonas cegas e das carências que nos habitam, bem como a capacidade de descentrar-se por meio do “auto-exame crítico”, para reconhecer e julgar tal egocentrismo (Morin, 1997, p. 79). A escrita autobiográfica funciona como o lugar desse descentramento, pois nela o sujeito se observa como objeto, instaurando uma distância reflexiva que impede tanto a autoglorificação quanto a auto-absolvição. Daí a exigência de não se crer no centro do mundo, de não agir como juiz de todas as coisas e de não alimentar pretensões intelectuais ou morais (Morin, 1997, p. 80). A página escrita converte-se em espaço de relativização do eu.

Essa dinâmica conduz a um verdadeiro estado de vigilância de si. A ética-para-si implica não ceder a delírios ou histerias, resistir à intimidação e manter uma atenção constante sobre os próprios movimentos interiores (Morin, 1997, p. 80). A escrita de si participa diretamente desse processo ao registrar oscilações afetivas, ressentimentos e tentações de autojustificação. Mesmo quando reconhece

sentimentos de rancor, Morin afirma que o exercício da escrita autocrítica ajuda, senão a superá-la, ao menos a impedir que seja dominado por ela (Morin, 1997, p. 83). O texto torna-se, portanto, instrumento de contenção psíquica e moral.

Tal função aparece de modo ainda mais claro quando a autocrítica é descrita como “cultura psíquica cotidiana”, “higiene mental” e “higiene existencial que mantém uma consciência em estado de vigília permanente” (Morin, 1997, p. 80-81). Escrever equivale a sustentar essa vigília. O exercício reflexivo suscita “uma segunda consciência – uma consciência verdadeira” que reúne o eu cético, o superego moral e um eu-testemunha, capaz de examinar continuamente comportamentos e pensamentos para reconhecer as armadilhas da mentira a si mesmo e da autojustificação (Morin, 1997, p. 80). A escrita autobiográfica materializa essa segunda consciência, funcionando como dispositivo de objetivação interior.

Além disso, o autoexame impede o ocultamento das próprias falhas. Morin afirma que o autoexame não é apenas um anteparo: “ele me impede de esconder demais de mim mesmo minhas negligências, minhas falhas, minhas inconstâncias, meus erros e minha estupidez” (Morin, 1997, p. 83). A exigência ética alcança também a relação com o leitor, pois a auto-ética obriga a não camuflar a subjetividade nos textos nem se apresentar como proprietário da verdade objetiva, aceitando expor fraquezas e pequenezas mesmo sob risco de ridicularização (Morin, 1997, p. 83). A escrita torna-se, assim, exercício de veracidade consigo e com o outro.

Essa veracidade está ligada a uma concepção ética fundada na compaixão, no perdão e na fraternidade. A auto-ética baseia-se numa fé individual no amor, ainda que sem esperança de redenção coletiva do gênero humano (Morin, 1997, p. 77). O sentimento de culpa e o autoexame crítico funcionam como freios interiores (Morin, 1997, p. 82), orientando o julgamento do outro para além da condenação peremptória e reconhecendo o papel do erro intelectual nas ações humanas (Morin, 1997, p. 82). A escrita, ao elaborar tais tensões, converte-se em prática de humanização do olhar.

Por fim, a integração do observador em sua própria observação constitui simultaneamente princípio de pensamento e necessidade ética (Morin, 1997, p. 80). Essa integração define o estatuto profundo da escrita em Morin. Escrever não é apenas produzir discurso, mas realizar uma operação reflexiva contínua pela qual o sujeito se objetiva, se compreende e se corrige. A autocrítica em profundidade aparece então como “a melhor auxiliar contra a ilusão egocêntrica e na abertura para o outro” (Morin, 1997, p. 83).

Pode-se concluir que, em Morin, a escrita autobiográfica configura um verdadeiro exercício espiritual laico. Ela sustenta o autoexame, alimenta a autocrítica e mantém a autovigilância em funcionamento permanente. Mais do que narrar uma vida, escrever torna-se a própria condição de lucidez moral do sujeito, um laboratório interior onde se busca incessantemente reduzir a mentira a si mesmo e ampliar a compreensão do humano.

Considerações finais

À luz da análise desenvolvida, o arquivo pessoal de Morin conservado no IMEC não pode ser compreendido apenas como um repositório documental destinado à preservação de uma trajetória intelectual. Sua amplitude, heterogeneidade e continuidade indicam a materialização de uma prática incessante de escrita que acompanha, sustenta e regula a própria existência do autor. O volume de manuscritos, cadernos, correspondências, versões sucessivas de textos e reflexões íntimas aponta para uma necessidade de escrever que não se esgota na publicação das obras, mas se prolonga como exercício permanente de exame e de autoexame, de reflexão sobre si, sobre a sociedade e sobre o próprio pensamento.

Nesse sentido, o arquivo dialoga diretamente com a autobiografia de Morin, não como simples complemento factual, mas como extensão concreta daquilo que seus textos tematizam. A escrita autobiográfica, longe de ser um gesto retrospectivo ou conclusivo, insere-se numa dinâmica contínua de

retorno sobre si, de auto-observação e de autocrítica. O arquivo, ao preservar os rastros desse movimento, revela a escrita como processo e não apenas como produto, como prática cotidiana de elaboração da experiência e de vigilância ética. Trata-se, portanto, de uma escrita que não visa estabilizar uma identidade, mas mantê-la em permanente exame.

Sob o prisma da noção de escrita de si, o arquivo do IMEC permite compreender que, em Morin, escrever é um modo de existir intelectual e eticamente. A acumulação documental não é sinal de dispersão, mas de fidelidade a um princípio fundamental de seu pensamento: a integração do observador em sua observação. Ao arquivar-se, Morin prolonga a lógica reflexiva de sua obra, expondo a historicidade, as hesitações, os desvios e as correções que constituem o pensamento vivo. O arquivo torna-se, assim, parte integrante da escrita de si, um espaço onde a vida pensante se dá a ver em sua complexidade.

Por fim, devemos dizer que cronologia da produção intelectual de Morin revela uma obra enraizada na sua experiência autobiográfica. Cada inflexão teórica corresponde a crises, encontros, deslocamentos ou rupturas políticas. Seu arquivo pessoal pode ser lido como um dispositivo ético e epistemológico, inseparável de sua prática intelectual. Ele testemunha uma necessidade contínua de escrever que não se reduz à comunicação de ideias, mas responde a uma exigência de autoexame, de coerência entre vida e pensamento e de manutenção de uma consciência em estado de vigília. Nesse horizonte, o arquivo não encerra uma obra, mas mantém aberta uma escrita de si que se prolonga no tempo, convidando o pesquisador não apenas a interpretar textos, mas a acompanhar um processo existencial de reflexão incessante.

Referências

- CABALLÉ, Anna. Figuras de la autobiografía. *Revista de Occidente*, Madrid, n. 74-75, 1987.
- DIAZ, Brigitte. *L'autobiographie hors autobiographie*. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.
- DOSSE, François. *La marche des idées: histoire des intellectuels, histoire intellectuelle*. Paris: La Découverte, 2003.
- DOSSE, François. *Le pari biographique: écrire une vie*. Paris: La Découverte, 2005.
- DOSSE, François. A biografia posta à prova da identidade narrativa. *Esferas*, Brasília, n. 25, p. 1-36, 2022. DOI: 10.31501/esf.v1i25.14182.
- DOSSE, François. *La saga des intellectuels français: 1944-1968*. v. 1. Paris: Gallimard, 1997.
- DOSSE, François. *La saga des intellectuels français: 1968-1989*. v. 2. Paris: Gallimard, 1998.
- GARCIA, Patrick. Le Bicentenaire: une commémoration exemplaire des usages contemporains de l'histoire. In: CHARLE, Christophe (dir.). *La vie intellectuelle en France XIXe-XXIe siècles*. Paris: Seuil, 2016. p. 486-489.
- INSTITUT DE MÉMOIRE ET D'ÉDITION CONTEMPORAINE. Fonds Edgar Morin: archives (1927-2011). Caen, France: IMEC, [2011].
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.
- LOUIS, Édouard. *Que faire de la littérature?* Paris: Flammarion, 2025.
- MADELÉNAT, Daniel. *A biografia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2025.
- MORIN, Edgar. *Chorar, rir, amar, compreender*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2012.
- MORIN, Edgar. *Journal de Californie*. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

MORIN, Edgar. La Méthode 1: la nature de la nature. Paris: Seuil, 1977.

MORIN, Edgar. La Méthode 3: la connaissance de la connaissance. Paris: Seuil, 1986.

MORIN, Edgar. L'histoire de Vidal, mon père. Paris: Éditions du Seuil, 1997.

MORIN, Edgar. Les souvenirs viennent à ma rencontre. Paris: Fayard, 2019.

MORIN, Edgar. Mes démons. Paris: Stock, 1994

MORIN, Edgar. Meus demônios. Tradução de Leneide Duarte e Clarisse Meirelles. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

SILVA, Gustavo de Castro. Edgar Morin e a escrita de vida: complexidade e (auto)biografia. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 30, n. 1, e42801, 2023. DOI: 10.15448/1980-3729.2023.1.42801. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/42801?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 mar. 2026.

WEINMANN, Heinz (org. e apres.). «Edgar MorinL L'Oedipe du complexe». In: La complexité humaine: textes rassemblés avec Edgar Morin. Paris: Flammarion, 1994.

Gustavo de Castro é docente da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), Bolsista de Produtividade de Pesquisa (CNPq). Este artigo foi financiado pelo Edital CNPQ-16/2024 – Projeto de Cooperação internacional.